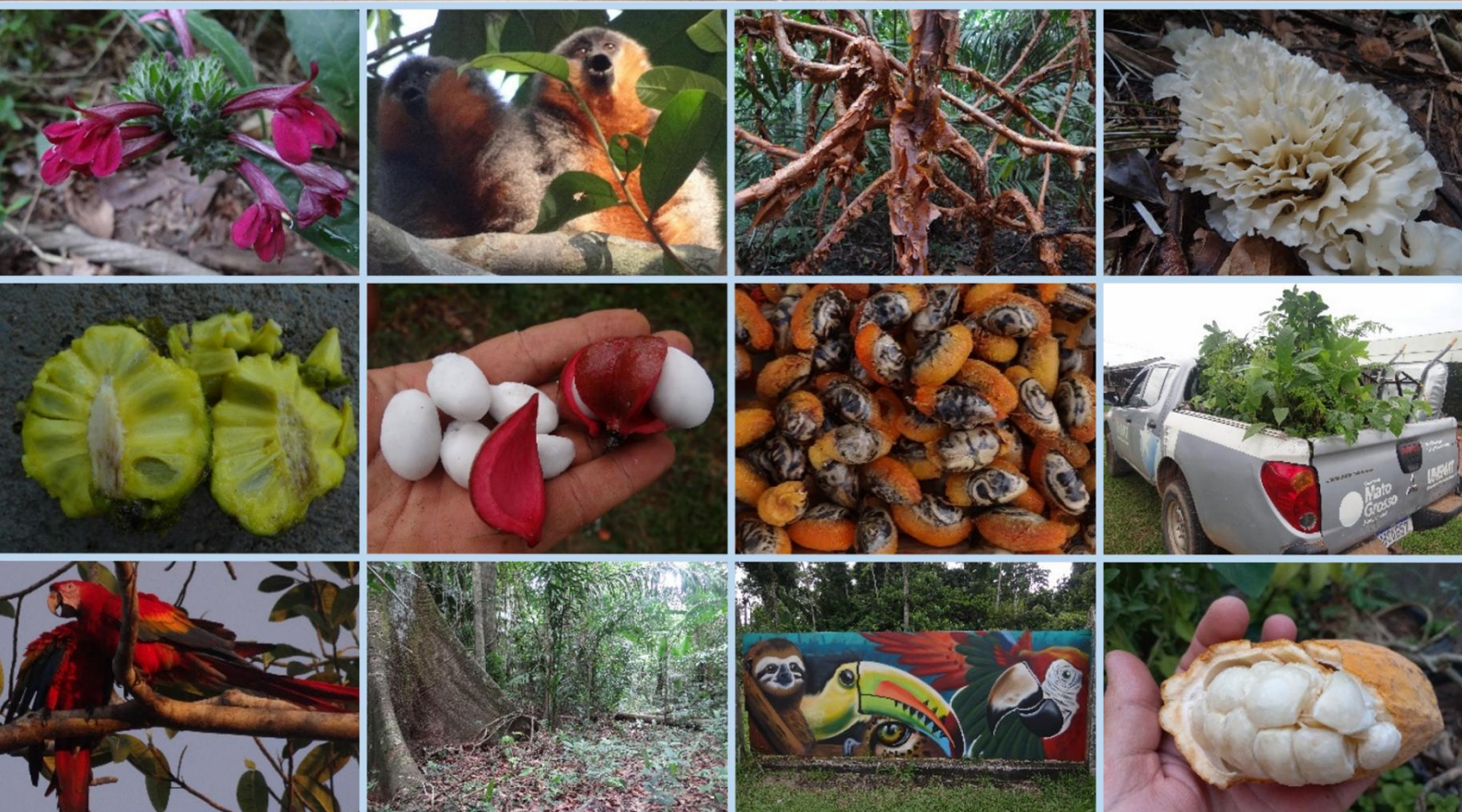


**José Martins Fernandes
(Organizador)**

Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes, Alta Floresta, Mato Grosso: restauração ecológica


Pantanal Editora
2026



José Martins Fernandes
(Organizador)

Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares
Fernandes, Alta Floresta, Mato Grosso:
restauração ecológica



Pantanal Editora

2026

Copyright© Pantanal Editora

Editor Chefe: Dr. Alan Mario Zuffo

Editores Executivos: Dr. Jorge González Aguilera e Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: José Martins Fernandes e a editora. **Diagramação e Arte:** José Martins Fernandes e a editora. **Imagens de capa e contracapa:** José Martins Fernandes. **Revisão:** Os autores, organizador e a editora.

Conselho Editorial

Grau acadêmico e Nome

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Profa. MSc. Adriana Flávia Neu
Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior
Profa. MSc. Aris Verdecia Peña
Profa. Arisleidis Chapman Verdecia
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu
Prof. Dr. Carlos Nick
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva
Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos
Prof. MSc. David Chacon Alvarez
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira
Profa. Dra. Denise Silva Nogueira
Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves
Prof. Me. Ernane Rosa Martins
Prof. Dr. Fábio Steiner
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira
Prof. MSc. Javier Revilla Armesto
Prof. MSc. João Camilo Sevilla
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski
Prof. MSc. Lucas R. Oliveira
Prof. Dr. Luciano Façanha Marques
Profa. Dra. Keyla Christina Almeida Portela
Prof. Dr. Leandro Argentel-Martínez
Profa. MSc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann
Prof. MSc. Marcos Pisarski Júnior
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla
Profa. MSc. Mary Jose Almeida Pereira
Profa. MSc. Núbia Flávia Oliveira Mendes
Profa. MSc. Nila Luciana Vilhena Madureira
Profa. Dra. Patrícia Maurer
Profa. Dra. Queila Pahim da Silva
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo (*In Memoriam*)
Profa. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos
Prof. Dr. Tayronne de Almeida Rodrigues

Prof. Dr. Ugur Azizoglu
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca

Instituição

OAB/PB
Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
UO (Cuba)
IF SUDESTE MG
Facultad de Medicina (Cuba)
ISCM (Cuba)
UFESSPA
UEA
UNEMAT
UFV
AJES
UFGD
UEMS
IFPA
UNICENTRO
IFMT
UFMG
URCA
ISEPAM-FAETEC
IFG
UEMS
UFF
(Colômbia)
UNAM (Peru)
IFRR
UCG (México)
Rede Municipal de Niterói (RJ)
UNMSM (Peru)
UFMT
SED Mato Grosso do Sul
UEMA
IFPR
Tec-NM (México)
Consultório em Santa Maria

UFJF
UEG
FAQ
UNAM (Peru)
SEDUC/PA
IFB
IFPA
UNIPAMPA
IFB
UO (Cuba)
UFMS
UFPI
UFG
UEMA
IFB
Sec. Mun. de Educação, Cultura e Tecnologia de Araripe
Universidade Kayseri, Türkiye
UFPI

Prof. MSc. Wesclen Vilar Nogueira
Profa. Dra. Yilan Fung Boix
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

FURG
UO (Cuba)
UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Catalogação na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

P257

Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes, Alta Floresta, Mato Grosso: restauração ecológica / Organização de José Martins Fernandes. – Nova Xavantina-MT: Pantanal, 2026. 91p. ; il.

Livro em PDF

ISBN 978-65-85756-85-3

DOI <https://doi.org/10.46420/9786585756853>

1. Restauração ecológica. 2. Amazônia. 3. Conservação da natureza. I. Fernandes, José Martins (Organizador). II. Título.

CDD 333.95

Índice para catálogo sistemático

I. Restauração ecológica



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

O e-book é resultado do projeto de extensão “Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes, Alta Floresta - MT: restauração ecológica e construção de trilhas para a comunidade”, executado entre 1º de abril de 2025 e 31 de março de 2026, por meio de parceria entre a Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Alta Floresta (UNEMAT/AF), e Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SECMA) do município de Alta Floresta (PORTARIA Nº 525 / 2025 / UNEMAT). Atividades de Ensino e muita Pesquisa também contribuíram para o sucesso do projeto, com metas cumpridas, incluindo essa publicação.

O município está localizado na região norte do estado e completou 50 anos em 2026, com cerca de 61 mil habitantes. O Parque Zoobotânico está localizado no centro urbano do município, criado informalmente em 1978 para abrigar animais silvestres capturados pelos colonizadores, com atividades encerradas em 2001.

Foram várias as justificativas para a execução do projeto: observar muito cipó e pouca árvore em vários locais do parque; diversas árvores completamente cobertas pelos cipós; locais com clareiras devido à queda de árvores; presença de espécies típicas da fauna amazônica, mesmo com os efeitos antrópicos; ser o parque urbano mais tradicional da cidade, por manter o Zoológico municipal e o Viveiro de plantas medicinais até 2001; o reconhecimento do Ministério da Saúde quanto a importância de caminhar em parques e áreas verdes, promovendo o bem-estar físico e mental; e, ter estagiado no parque durante a graduação em Ciências Biológicas, com mais de 2.400 horas.

O projeto teve a participação direta de quatro professores da UNEMAT/AF, cinco funcionários da SECMA e aproximadamente 70 acadêmicos dos cursos de Agronomia, Ciências Biológicas e Direito (UNEMAT/AF). Também contou com o apoio da Secretaria de Cidade, Fundação Ecológica Cristalino, Herbário da Amazônia Meridional, Centro de Treinamento Equestre Denis Lino, professora Ilmarli Teixeira e dezenas de propriedades para a coleta de frutos e sementes.

Como principais resultados, o manejo controlado de cipós na área de plantio e ao longo das trilhas; visão aérea dos principais locais degradados no parque; a produção e o plantio de 5.143 mudas nativas da Amazônia, pertencentes a 13 famílias botânicas; 1,63 hectare de área plantada; construção de 740 metros de trilhas; informações biológicas para 11 espécies típicas da fauna amazônica com ocorrência no parque, incluindo duas novas ocorrências de primatas para o parque; e, ações no entorno da unidade de conservação, dentre elas a campanha “Não Alimente os Animais Silvestres”, supressão de plantas invasoras, limpeza no entorno e plantio de duas espécies nativas para o paisagismo e contribuições ambientais.

A obra, que é um presente antecipado de 50 anos ao Parque Zoobotânico e a sociedade Alta-florestense, está organizada em seis capítulos:

I - Produção de mudas para restauração ecológica do Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes, Alta Floresta, Mato Grosso;

II - Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes: Uma visão do alto;

III - Construção de trilhas e manejo dos cipós no Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes, Alta Floresta, Mato Grosso;

IV - Plantio de mudas nativas da Amazônia no Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes, Alta Floresta, Mato Grosso;

V - Onze espécies típicas da fauna amazônica no Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes, Alta Floresta, Mato Grosso: subsídios a Educação Ambiental;

VI - *Euterpe oleracea* e *Ceiba lupuna* no entorno do Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes, Alta Floresta, MT: paisagismo e mitigação antrópica.

Prof. Dr. José Martins Fernandes - CRBio 93833/01-D
Horto Medicinal de Alta Floresta
Faculdade de Ciências Biológicas e Agrárias
Universidade do Estado de Mato Grosso – Câmpus Alta Floresta



Antes de iniciar a leitura desta obra, convido o leitor a fazer uma breve pausa e imaginar a Alta Floresta de cinco décadas atrás. Uma cidade ainda em formação, cercada pela grandiosidade da floresta amazônica, onde o canto das aves anunciava o amanhecer e as árvores centenárias testemunhavam o nascimento de uma nova história. Em meio às transformações impostas pela ocupação da região, surgiu um espaço destinado a resistir ao tempo, preservar a vida e aproximar as pessoas da natureza: o Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes.

Celebrar seus 50 anos é muito mais do que recordar uma data. É revisitar memórias, reencontrar pessoas, reconhecer trajetórias e compreender que a história do Parque é, na verdade, a história de Alta Floresta. Cada trilha aberta, cada árvore preservada, cada nascente protegida e cada pesquisa realizada carregam marcas daqueles que acreditaram que conservar a natureza também é construir o futuro.

Entre esses personagens, destaca-se a figura do senhor Leopoldo Linhares Fernandes, homem simples, profundo conhecedor da floresta e apaixonado pela vida em todas as suas formas. Seu nome eternizado no Parque representa muito mais que uma homenagem. Representa um legado de dedicação, respeito pela biodiversidade e compromisso com as futuras gerações. Ao lado dele, servidores públicos, pesquisadores, professores, estudantes, voluntários e cidadãos anônimos também escreveram, silenciosamente, capítulos fundamentais desta história.

Para muitos de nós, o Parque não é apenas um lugar; é uma coleção de lembranças. É impossível percorrer suas trilhas sem que a memória conduza aos tempos de estágio, quando cada saída de campo representava uma nova descoberta e cada inventário florestal revelava a complexidade da Amazônia. Ali aprendemos que nenhuma sala de aula seria capaz de ensinar com tanta intensidade aquilo que a floresta oferece a quem se dispõe a observá-la.

Também permanecem vivas as lembranças das aulas de campo, das pesquisas científicas realizadas sob a sombra das grandes árvores, dos encontros entre professores e acadêmicos, das conversas ao redor de uma espécie e da emoção de registrar animais livres em seu habitat natural. O Parque formou pesquisadores, inspirou trabalhos acadêmicos e despertou vocações que hoje contribuem para a ciência e para a conservação da biodiversidade amazônica.

Talvez as lembranças mais bonitas sejam aquelas compartilhadas com as crianças. Quantas vezes os alunos da Escola Estadual Manoel Bandeira, e de tantas outras instituições de ensino, caminharam por essas trilhas descobrindo, pela primeira vez, o cheiro da terra molhada, a imponência das árvores, o voo das araras, o olhar curioso dos primatas e o silêncio respeitoso que apenas a floresta

sabe proporcionar? Para muitos deles, foi naquele instante que nasceu o primeiro sentimento de pertencimento à Amazônia e o entendimento de que conservar é um ato de amor.

Ao longo desses cinquenta anos, o Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes tornou-se um verdadeiro patrimônio de Alta Floresta. É refúgio para centenas de espécies da fauna e da flora, laboratório vivo para pesquisadores, espaço de formação para estudantes, cenário de educação ambiental, local de lazer para as famílias e símbolo da identidade ambiental do município. Mais do que conservar árvores e animais, o Parque preserva histórias, afetos e valores que atravessam gerações.

Os artigos reunidos neste compêndio são parte dessa história. Cada pesquisa aqui apresentada representa uma semente lançada ao longo desses anos: algumas germinaram em novos conhecimentos científicos; outras transformaram práticas de conservação; muitas inspiraram políticas públicas, projetos de extensão e novas gerações de pesquisadores. Juntas, essas contribuições demonstram que o Parque continua vivo, produzindo ciência, formando pessoas e fortalecendo a relação entre sociedade e natureza.

Olhar para o passado, entretanto, é também assumir um compromisso com o futuro. Em um cenário marcado pelas mudanças climáticas, pela perda de biodiversidade e pelos desafios da expansão urbana, o Parque torna-se ainda mais estratégico. A população pode esperar uma unidade de conservação cada vez mais integrada à ciência, à educação e ao bem-estar coletivo, fortalecida por novas pesquisas, programas permanentes de educação ambiental, projetos de restauração ecológica, monitoramento da biodiversidade, inovação tecnológica e maior participação da comunidade em sua gestão.

Que os próximos cinquenta anos sejam marcados pelo mesmo espírito daqueles que sonharam com este lugar: coragem para proteger, sensibilidade para educar e compromisso para conservar. Que crianças, jovens e adultos continuem encontrando, entre suas trilhas, não apenas uma floresta, mas um espaço onde ciência, memória e esperança caminham lado a lado.

Porque conservar o Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes é preservar a própria história de Alta Floresta. É garantir que a floresta continue ensinando, emocionando e inspirando todos aqueles que compreendem que o futuro da Amazônia começa com o cuidado que dedicamos a cada árvore, a cada nascente e a cada vida que nela habita.

Me. José Alesandro Rodrigues
Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável
Prefeitura de Alta Floresta – Mato Grosso



Apresentação	3
Prólogo	5
Capítulo I	8
Produção de mudas para restauração ecológica do Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes, Alta Floresta, Mato Grosso	8
Capítulo II.....	25
Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes: Uma visão do alto.....	25
Capítulo III	34
Construção de trilhas e manejo dos cipós no Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes, Alta Floresta, Mato Grosso	34
Capítulo IV	47
Plantio de mudas nativas da Amazônia no Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes, Alta Floresta, Mato Grosso	47
Capítulo V	56
Onze espécies típicas da fauna amazônica no Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes, Alta Floresta, Mato Grosso: subsídios a Educação Ambiental	56
Capítulo VI	77
<i>Euterpe oleracea</i> e <i>Ceiba lupuna</i> no entorno do Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes, Alta Floresta, MT: paisagismo e mitigação antrópica	77
Índice remissivo.....	89
Sobre os integrantes do projeto	90

Capítulo V

Onze espécies típicas da fauna amazônica no Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes, Alta Floresta, Mato Grosso: subsídios a Educação Ambiental

 10.46420/9786585756853cap5

José Martins Fernandes 

INTRODUÇÃO

O Brasil tem reconhecidamente a maior biodiversidade entre todos os países do mundo, em *ranking* baseado no número de espécies descritas, conforme a publicação online “A biodiversidade explicada em 8 pontos”, elaborada pelo Prof. Dr. Thomas Lewinsohn, e consta que o país possui o maior número de espécies de mamíferos (722, 11,3% do total mundial conhecido), aves (1.924, 17,2% do mundo) e peixes de água doce (3.467, 23,2% do mundo), e toda essa riqueza biológica encontra-se em risco por fatores como o desmatamento, a destruição de habitats, a introdução de espécies exóticas invasoras, o aquecimento global e a poluição (CRBio-01, 2023).

O país também é destaque pela presença de vários centros em biodiversidade, como a Amazônia, com ampla riqueza de espécie já conhecida para a flora e a fauna, mas principalmente pelas estimativas de novas espécies para a ciência. Por outro lado, a maior floresta tropical do mundo está sendo desafiada e pressionada com o avanço das monoculturas, extração ilegal de madeira, interferência na vida de povos tradicionais e pela prática do garimpo ilegal, comprometendo a vegetação de várzea, sistemas tradicionais de cultivo e a qualidade da água.

Até o momento, já foram catalogadas na Amazônia 13.507 espécies vegetais, 1.235 espécies de fungos (Flora e Funga do Brasil, 2026), 2.257 espécies de peixes de água doce (Ziegler, 2019), 427 espécies de mamíferos, 1.300 espécies de aves, 378 espécies de répteis e mais de 400 espécies de anfíbios, mas apesar de sua incalculável importância ambiental para o planeta, como o habitat de inúmeras espécies animais, vegetais, e como fonte de matérias-primas alimentares, florestais, medicinais e minerais, a Amazônia tem sido constantemente ameaçada por inúmeras atividades predatórias (WWF-BRASIL).

Nesse contexto, a Educação Ambiental se torna uma peça-chave na formação de jovens e adultos. A Educação Ambiental é definida como “os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de

vida e sua sustentabilidade”; mesmo apresentando um enfoque conservacionista, essa definição coloca o ser humano como responsável individual e coletivamente pela sustentabilidade (Sorrentino & Trajber, 2007).

De acordo com a Política Nacional de Educação Ambiental – PNEA (Lei nº 9.795/99), a Educação Ambiental deve ser incluída de forma transversal, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, abrangendo tanto o ensino escolar quanto práticas de conscientização da sociedade em geral (BRASIL, 1999). Recentemente, a PNEA foi atualizada (Lei nº 14.926 de 17/07/2024) para assegurar atenção às mudanças do clima, à proteção da biodiversidade e aos riscos e vulnerabilidades a desastres socioambientais (BRASIL, 2024).

A natureza é explorada pela sociedade como se fosse um recurso inesgotável, vista de forma fragmentada, sem a preocupação e o respeito com as relações dinâmicas do equilíbrio ecológico e sua capacidade de suportar os impactos sobre ela, o que resulta nos graves problemas ambientais da atualidade; os problemas socioambientais locais e globais se inter-relacionam, não são aspectos isolados de cada realidade, pois refletem um determinado modelo de sociedade e sua forma de estabelecer relações com o meio, geradora da crise socioambiental que vivemos na atualidade; portanto a "natureza" do problema está no atual modelo de sociedade e seus paradigmas, que ressaltam os aspectos antropocêntrico, individualista, consumista, concentrador de riqueza, que gera destruição em sua relação de dominação e exploração, antagônico às características de uma natureza que é coletiva, que recicla, que mantém a vida (Guimarães, 2007).

Nesse contexto, o capítulo apresenta onze espécies típicas da fauna amazônica com ocorrência no Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes, município de Alta Floresta, Mato Grosso, com diversas informações que poderão subsidiar atividades práticas e teóricas em Educação Ambiental, como interação animal-planta, distribuição geográfica, status de ameaça e características morfológicas e reprodutivas das espécies.

MATERIAL E MÉTODOS

O Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes está localizado no centro urbano do município de Alta Floresta, Mato Grosso (Figura 1). O município está localizado na região norte do estado, fundado em 1976, com área de 8.955,410 km² e possui uma população estimada de 61.291 habitantes, em 2025 (IBGE, 2025). O parque mantém um importante fragmento de floresta ombrófila aberta submontana, no bioma Amazônia (BDiA, 2023; Fernandes, 2023, 2025a; Fernandes et al., 2025), tornando-se, em 1978, um local para a recuperação e conservação da fauna silvestre proveniente da ocupação da região, como desmatamento, queimada, atropelamento, entre outras causas, sendo o espaço do Zoológico municipal com um local de encontro dos moradores da região e

turistas. Outras atividades também eram executadas na unidade de conservação como práticas de educação ambiental e uso da flora em procedimentos terapêuticos, por meio de parceria entre a Universidade do Estado de Mato Grosso e Prefeitura do município de Alta Floresta, mas todas as atividades foram encerrando em 2001.

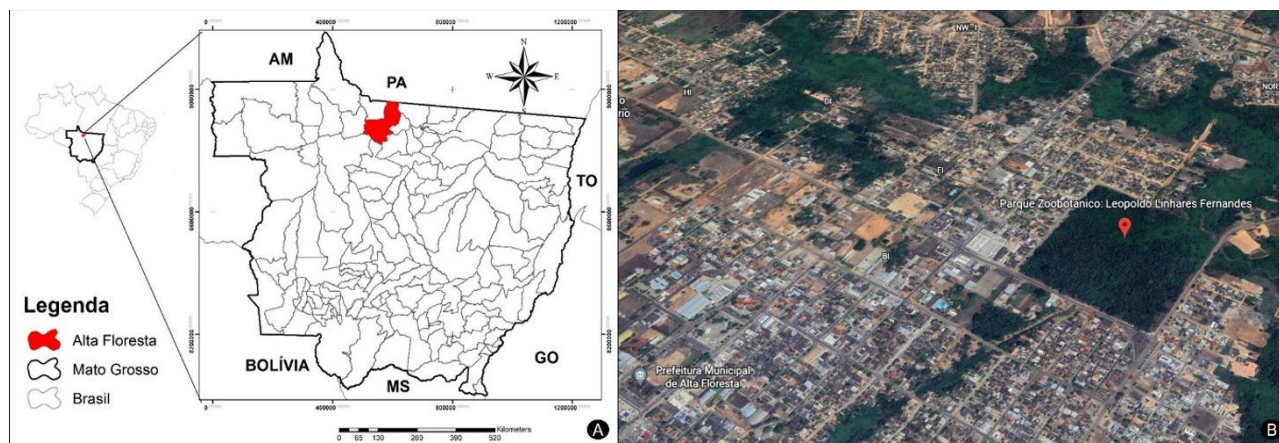


Figura 1. Localização do Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes: A) município de Alta Floresta, Mato Grosso; B) Parque Zoobotânico. Fonte: A) Fernandes et al. (2023); B) Fernandes (2025a).

As informações de campo (registro de ocorrência por meio de observação e fotografia; registro de pegada; observação de comportamento; interação planta-animal) sobre as 11 espécies da fauna, no Parque Zoobotânico, foram obtidas durante a execução do projeto de extensão “Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes, Alta Floresta - MT: restauração ecológica e construção de trilhas para a comunidade” (UNEMAT / PORTARIA Nº 525 / 2025) entre 01/04/2025 e 03/06/2026, e observações esporádicas durante as expedições de campo realizadas entre 2020 e 2024.

A identificação das espécies da fauna e a grafia válida dos nomes científicos foram obtidas por meio de literaturas especializadas, como artigos, fichas técnicas, Catálogo taxonômico da fauna brasileira, Fundação Jardim Zoológico de Brasília, Global Biodiversity Information Facility, dissertação, entre outras fontes. As fotografias e as descrições morfológicas foram fundamentais durante as identificações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As onze espécies típicas da fauna para práticas de Educação Ambiental no Parque Zoobotânico são répteis, aves e mamíferos, são elas: *Chelonoidis denticulata* (Linnaeus, 1766), *Monasa nigrifrons* (Spix, 1824), *Ara macao* (Linnaeus, 1758), *Tapirus terrestris* (Linnaeus, 1758), *Alouatta discolor* (Spix, 1823), *Ateles chamek* (Humboldt, 1812), *Sapajus apella* (Linnaeus, 1758), *Mico schneideri* Costa-Araújo et al. 2021, *Plecturocebus grovesi* Boubli et al., 2019, *Dasyprocta*

azarae Lichtenstein, 1823 e *Leopardus pardalis* (Linnaeus, 1758). São espécies de fácil observação no parque, exceto *Tapirus terrestres* e *Leopardus pardalis*.

As espécies de primatas *Ateles chamek* e *Plecturocebus grovesi* foram citadas para o Parque Zoobotânico por Fernandes (2025a), sendo as duas espécies ameaçadas de extinção. O comportamento alimentar de *Sapajus apella* foi estudado no Parque Zoobotânico, com frutos das espécies *Muntingia calabura* e *Psidium guajava* (Fernandes, 2025b), amplamente aceitos pelos primatas. Aqui, a ocorrência das espécies *Alouatta discolor* e *Mico schneideri*, que também estão ameaçadas de extinção, é ampliada para o parque, o que demonstra a importância da unidade de conservação na manutenção de espécies raras, ameaçadas de extinção e recém-publicadas.

Jabuti-amarelo - *Chelonoidis denticulatus* (Linnaeus, 1766)

No Parque Zoobotânico, indivíduos jovens e adultos são facilmente observados em vegetação de terra firme, de várzea e ao longo das trilhas (Figura 2a-c). Mas já teve morador do entorno que relatou a presença de indivíduo fora do parque, mas agora com a reforma da cerca de contenção na frente e nas laterais, dificilmente irão acessar as calçadas e ruas, garantindo a segurança da espécie. São animais que constantemente são observados se alimentando de folhas e caules moles na estação de chuva.

A espécie é nativa na América do Sul, onde é conhecida para o Brasil, Bolívia, Colômbia, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Suriname e Trinidad e Tobago (Tavares et al., 2025; Zaher et al., 2026). No Brasil, ocorre nos biomas da Amazônia, Cerrado, Pantanal, Caatinga e Mata Atlântica, em quase todas as regiões do país, exceto a região Sul, estando geralmente associada a ambientes florestados (Tavares et al., 2025).

É uma espécie ameaçada de extinção na categoria “Em Perigo (EN)” devido ao amplo uso da espécie (alimentação, criação como pet e, em menor grau, para medicina tradicional, rituais e ornamentos), acarretando quase a eliminação das populações na Mata Atlântica, redução das populações em até 70% em alguns locais submetidos a manejo na Amazônia, e maior que 70% em locais sem manejo no mesmo bioma (Tavares et al., 2025; BRASIL, 2026).

São animais terrestres que vivem em média 50 anos, e as fêmeas depositam de um a 15 ovos em buraco cavado, posteriormente cobertos com folhas; após o nascimento, os filhotes possuem a carapaça ainda mole e com isso ficam muito vulneráveis aos predadores; são onívoros, com dieta constituída por folhas, flores, insetos, carniça e outros alimentos, considerados importantes dispersores de sementes (FEC, 2019).

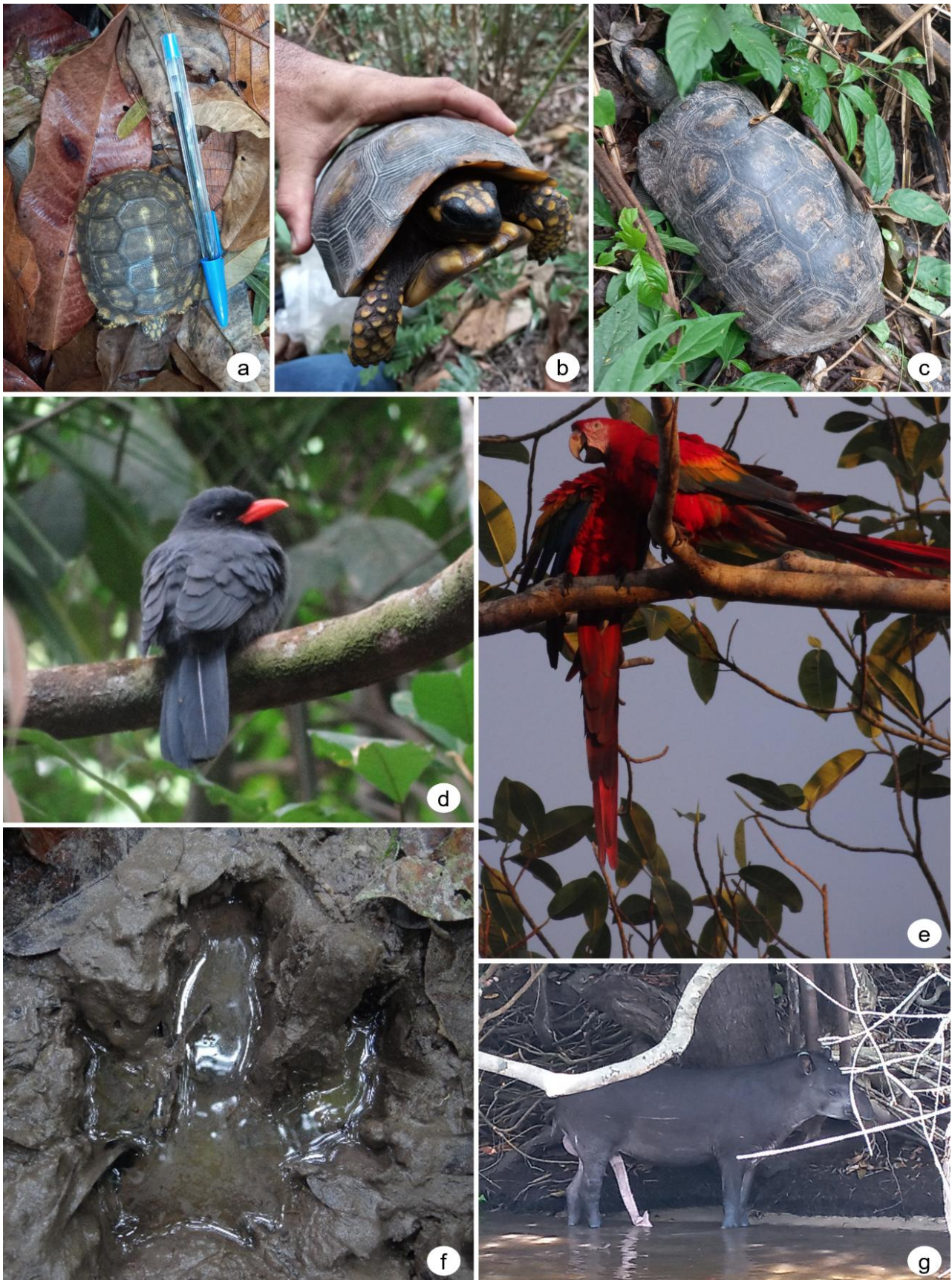


Figura 2. Espécies típicas da fauna amazônica no Parque Zoobotânico: a-c) *Chelonoidis denticulata* em diferentes fases de vida; d) *Monasa nigrifrons*; e) *Ara macao*; f-g) *Tapirus terrestris* – pegada no parque (f), indivíduo adulto na RPPN Cristalino (g). Fotos: J. M. Fernandes.

Bico-de-brasa - *Monasa nigrifrons* (Spix, 1824)

Indivíduos da espécie são facilmente observados no Parque Zoobotânico, no seu entorno e no interior, sempre à espera de insetos que são capturados em voos curtos (Figura 2d). A presença de um bico vermelho favorece a sua distinção entre as folhas, bem como pelo seu canto característico.

A espécie é nativa no Brasil e com endemismo desconhecido, de vida livre individual e com ocorrência no Acre, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins (Norte), Alagoas, Maranhão, Pernambuco, Piauí (Nordeste), Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso (Centro-Oeste), Minas Gerais, São Paulo (Sudeste), nos domínios da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal (Pacheco et al., 2026a). Não está ameaçada de extinção (BRASIL, 2026).

É comum nas bordas de florestas altas de terra firme e de várzea, capoeiras altas e palmeirais, desde o sub-bosque até a copa (FEC, 2019). É o maior pássaro da família Bucconidae, em média 27,5 centímetros de comprimento; a plumagem do corpo é cinza-escura, quase negra, mas o bico, em compensação, parece se acender no meio da mata, de tão vivo, cor vermelho-alaranjado; alguns hábitos chamam a atenção, a começar pela cauda, que balança continuamente — seguir grupos de macacos e formigas-de-correição, aproveitando que ambos deixam suas presas perturbadas e, por consequência, fáceis de serem capturadas — e viver aos pares ou em grupos com cantoria ao entardecer, ora pode ser num coro de vários indivíduos da espécie, ora em duetos de casais (Sigrist, 2015).

Araracanga - *Ara macao* (Linnaeus, 1758)

É uma ave de grande porte e com uma beleza deslumbrante, com predomínio do vermelho escarlata, facilmente observada nas árvores mais altas do parque, em horários diversos, com predomínio em horários com maior pico de calor (Figura 2e).

Ocorre desde o México até a Bolívia (Aleixo et al., 2017). No Brasil, está distribuída nos estados do Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima (Norte) e Mato Grosso (Centro-Oeste), no domínio da Amazônia (Lees et al., 2012; Aleixo et al., 2017; Pacheco et al., 2026b).

A espécie não está ameaçada de extinção, enquadrada como Menos Preocupante (LC), devido a tolerante a certa alteração de habitat e possuir ampla distribuição com grandes porções de habitat adequado, com registro da espécie em diversas unidades de conservação e aparentemente sem ameaças atuais capazes de levá-la ao risco de extinção em um futuro próximo (Aleixo et al., 2017; BRASIL, 2026).

Mede cerca de 89 cm de comprimento, com penas chamativas por sua coloração vermelha escarlata, asas tricolores (vermelho, amarelo na parte média e azul intenso nos extremos), rabadilha e base do rabo azul, com face nua, cor creme e sem penas; possui expectativa de vida em cativeiro de

aproximadamente 50 a 80 anos; como a maioria das araras, formam pares para a vida, sendo monogâmicas; na hora de se alimentar, seguram o alimento com uma das patas e se apoiam na outra pata, podendo ser destros ou canhotos (a maioria segura o alimento na pata esquerda), assim como os seres humanos (FJZB, 2025a).

Anta - Tapirus terrestris (Linnaeus, 1758)

Pegadas da espécie são registradas constantemente no parque, principalmente em trechos das trilhas com lama (14,5-15,8 centímetros de comprimento e 13-14,5 centímetros de largura). A presença de anta na área fortalece a continuidade do projeto de restauração ecológica, tendo como aliados na dispersão de sementes animais tão valiosos como o maior mamífero da América do Sul (Figura 2f-g).

A espécie tem ampla distribuição geográfica desde o Norte da Colômbia a Leste da Cordilheira dos Andes, seguindo através de toda a América do Sul tropical por 11 países, incluindo Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Paraguai, Peru, Suriname e Venezuela (Medici et al., 2019). No Brasil, ocorre no Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins (Norte), Bahia, Maranhão (Nordeste), Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso (Centro-Oeste), Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo (Sudeste), Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina Sul, em todos os domínios (Oliveira, 2026).

No Brasil, está ameaçada de extinção na categoria Vulnerável (VU), devido depender de habitats florestais e ripários e já ter perdido 30% de sua cobertura vegetal nativa nos últimos 33 anos, ou três gerações da anta, e a espécie deve ter sofrido perdas populacionais em mesma proporção, ou maior devido à expansão agropecuária (agronegócio) e consequente perda e fragmentação de habitat, fogo, atropelamentos, contaminação por agrotóxicos, pressão de caça, expansão de centros urbanos, entre outras ameaças (Medici et al., 2018).

O corpo mede entre 200 e 220 cm de comprimento, 77 e 108 cm de altura e pode pesar até 300 kg, considerado o maior mamífero terrestre da América do Sul; é o maior mamífero terrestre neotropical e possui uma tromba curta e flexível, uma crina escura e estreita, estendendo-se da base do focinho ao meio do dorso; tem uma pelagem curta, de cor marrom-escura, com bordas das orelhas branca; o corpo é robusto e pernas curtas; o pé traseiro possui 3 dedos e o dianteiro 4, sendo um dedo adicional; é um herbívoro e possui gestação de 13 meses, nascendo 1 filhote; possui expectativa de 15 anos em cativeiro; durante o período de reprodução, os machos atraem as fêmeas com vocalização estridentes (Medici et al., 2019; FJZB, 2025b).

Bugio-de-mãos-ruivas-de-spix – *Alouatta discolor* (Spix, 1823)

A ocorrência da espécie no Parque Zoobotânico foi confirmada recentemente (Figura 3a-b). Indivíduos já tinham sido observados no entorno da unidade, se alimentando de folhas de uma espécie de *Ficus*, mas as observações mais detalhadas foram favorecidas após a construção de trilhas no interior da vegetação. Há cerca de quatro anos um indivíduo foi observado passando pela avenida Rogério Silva em direção ao Zoobotânico, vindo da reserva florestal do Centro de Formação Boa Nova.

São poucas as informações sobre as relações ecológicas no parque, mas as folhas de três morfoespécies arbóreas integram a dieta alimentar do primata, devidamente marcadas para coleta botânica na fase reprodutiva, com posterior identificação das espécies.

A espécie é endêmica do Brasil, presente nos estados do Pará e Mato Grosso, na região do arco do desmatamento, no domínio da Amazônia (Buss et al., 2025; Gregorin & Villavicencio, 2026a).

Está ameaçada de extinção na categoria Vulnerável (VU), por acreditar em um declínio populacional de pelo menos 30% ao longo de 36 anos (três gerações), com base em uma estimativa de perda de habitat de 22% entre 2005 e 2040 fora de Áreas Protegidas, além de degradação ambiental e fragmentação potencializados pelo recente asfaltamento das rodovias BR-163 e BR-230, implantação de hidrelétricas, pecuária extensiva e abertura de lavouras mecanizadas, principalmente soja, além de ser uma espécie intensamente caçada (Buss et al., 2025; BRASIL, 2026).

O sistema de acasalamento é a poliginia [um macho com várias fêmeas], com longevidade, maturidade sexual e características genéticas desconhecidas; a fêmea possui cabeça-corpo entre 300 e 645 mm de comprimento, cauda 450-700 mm de comprimento, peso adulto 5520 gramas, tempo de gestação e intervalo entre nascimento desconhecidos; o macho possui cabeça-corpo 440-680 mm de comprimento, cauda 540-745 mm de comprimento e peso adulto 7270 gramas (Pinto et al., 2015).

Macaco-aranha-de-cara-preta - *Ateles chamek* (Humboldt, 1812)

O primata está bem representado no parque, geralmente seis indivíduos. Eles se movimentam ao longo de toda a unidade de conservação, com muita agilidade e rapidez, principalmente para coleta de alimentos (Figura 3c-e). Os recursos alimentares registrados no parque são folhas, inflorescências e infrutescências de embaúba (*Cecropia palmata* Willd., Urticaceae), mesocarpo dos frutos de inajá (*Attalea maripa* (Aubl.) Mart., Arecaceae), frutos de açai (*Euterpe longibracteata* Barb. Rodr., Arecaceae), botões em pré-antese de samaúma (*Ceiba pentandra* (L.) Gaertn., Malvaceae) e o mesocarpo dos frutos do cajazinho (*Spondias mombin* L., Anacardiaceae).



Figura 3. Espécies típicas da fauna amazônica no Parque Zoobotânico: a-b) *Alouatta discolor*; c-e) *Ateles chamek* – alimentando-se de infrutescência de embaúba (d) e botão em pré-antese de samaúma (e). Fotos: J. M. Fernandes.

Geralmente os indivíduos dormem nas árvores mais altas do parque, como a faveira (*Parkia multijuga* Benth., Fabaceae) e timburi (*Enterolobium maximum* Ducke, Fabaceae).

A espécie *Ateles chamek* possui ampla distribuição, ocorrendo no Peru, na Bolívia e no Brasil (Rabelo et al., 2025). No Brasil, ocorre nos estados do Acre, Amazonas, Pará, Rondônia (Norte) e Mato Grosso (Centro-Oeste), no domínio da Amazônia (Gregorin & Villavicencio, 2026b).

Está ameaçada de extinção na categoria Em Perigo (EN), devido a vários fatores: maturação sexual tardia e o longo intervalo entre nascimentos; baixíssima densidade em grande parte de sua distribuição; exigência de hábitat intrínseca da espécie; intenso desmatamento na porção sul e sudeste de sua distribuição, bem como os empreendimentos planejados; caça direcionada, menos intensa no estado de Rondônia; e, principalmente, as estimativas de perda de hábitat em curso dentro da sua extensão de ocorrência de 41-59% entre 2002 e 2050, com redução populacional de, pelo menos, 50% em 48 anos - três gerações (Rabelo et al., 2025; BRASIL, 2026).

É uma das maiores espécies de macaco-aranha, com o corpo medindo aproximadamente 70 cm e uma cauda longa que pode atingir 1 m, pesam em média 8 kg, sendo os machos maiores do que as fêmeas, a face e a pelagem do corpo são totalmente negras, com pelos curtos, e vivem em grandes grupos que podem ter mais de 30 indivíduos, dividindo-se em grupos menores no período de alimentação; são onívoros; com gestação de 220 a 232 dias, nascendo 1 filhote, tornando-se independente entre 17,7 a 20,8 meses, atingindo a maturidade sexual em torno de 4 anos de idade, mas se reproduzem lentamente, acasalando uma vez a cada 3 a 4 anos (FJZB, 2025b).

Macaco-prego - *Sapajus apella* (Linnaeus, 1758)

A espécie está bem representada no Parque Zoobotânico, com cerca de 35 indivíduos, entre jovens e adultos (Figura 4a-c). A prática do forrageamento ocorre ao longo do dia, em todo o espaço do parque, desde as copas das árvores até próximo ao solo. São muito curiosos na busca por alimento, como insetos, pequenos invertebrados e ovos entre os cipós, mas as palmeiras são as mais importantes no parque, com destaque para o inajá (*Attalea maripa* (Aubl.) Mart., Arecaceae).

A destreza é tão avançada que chegam a retirar folhas novas de helicônia para se alimentar da parte branca e mole. São os mais ousados dentre as espécies que ocorrem no parque, e alguns indivíduos constantemente atravessam a rua para acessar as casas no entorno.

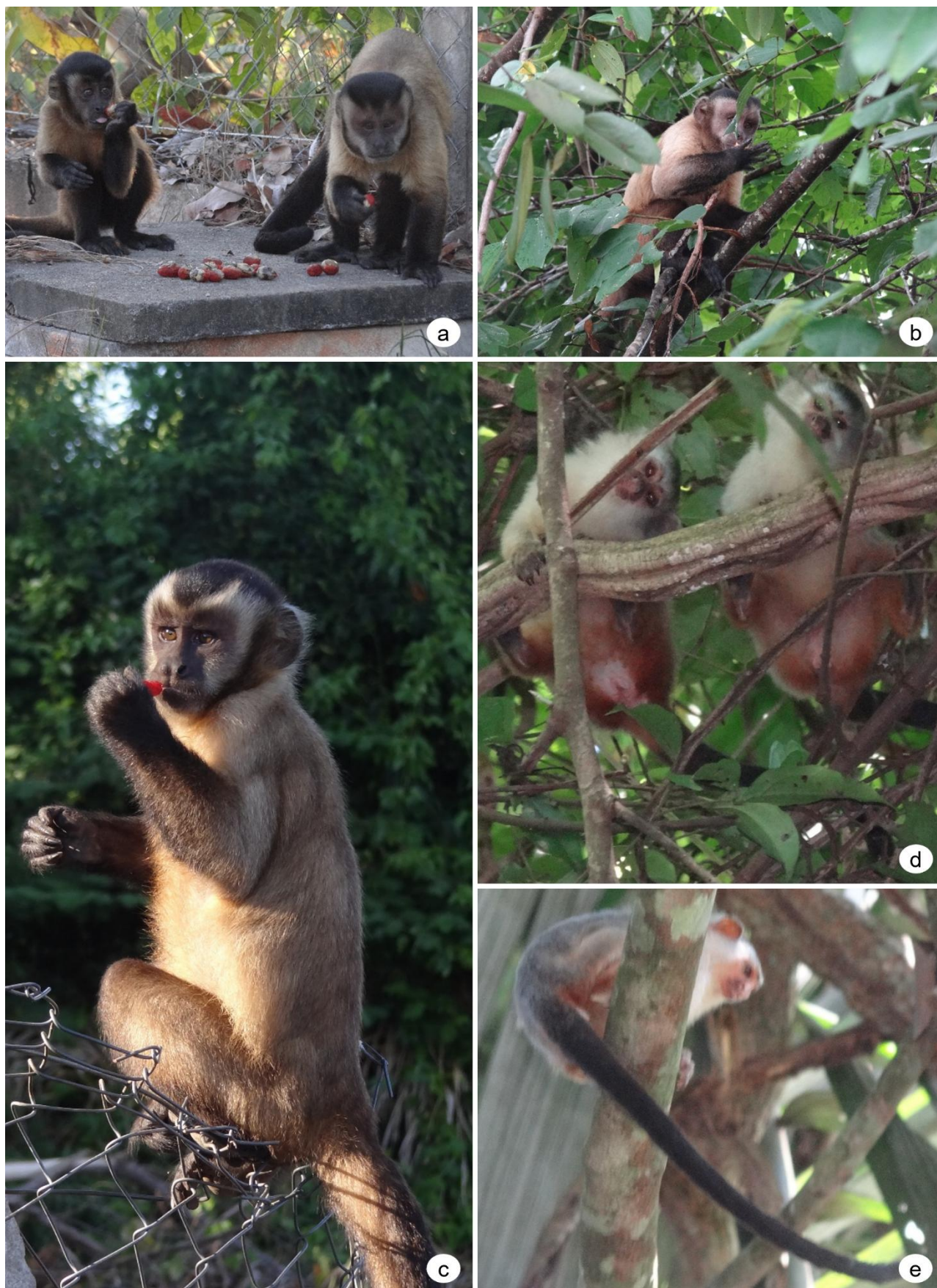


Figura 4. Espécies típicas da fauna amazônica no Parque Zoobotânico: a-c) *Sapajus apella*; d-e) *Mico schneideri*. Fotos: J. M. Fernandes.

A espécie ocorre no Brasil, Colômbia, Guiana, Guiana Francesa, Suriname e Venezuela; no Brasil, está presente no Mato Grosso, Rondônia, Amazonas, Pará, Roraima, Amapá, Tocantins e Maranhão; apresenta certa tolerância a ambientes modificados, e apesar da perda e fragmentação de seu habitat, bem como outras ameaças, como caça, suspeita-se que a redução populacional não implique em risco de extinção num futuro próximo, categorizada como Menos Preocupante (LC) (Martins et al., 2025; BRASIL, 2026).

Fêmeas e machos possuem o mesmo comprimento cabeça-corpo 421-460 mm e cauda 380-490 mm, longevidade de 44-50 anos, com sistema de acasalamento poligâmico, mas diferem em outras características – fêmea com peso 2,4-3 kg, maturidade sexual 4-5 anos, gestação 155 dias; macho com peso 3-3,8 kg e maturidade sexual com 8 anos (Alves et al., 2015). Filhotes de macacos-prego são cuidados pela mãe até ficarem independentes para se deslocar e se alimentar, e possuem uma organização social complexa e são considerados os mais inteligentes entre os primatas neotropicais; chegam a usar pedras afiadas como ferramentas para quebrar cocos e sementes duras, até bater ouriço de castanha-do-brasil para ter acesso às sementes (Alves et al., 2015).

Sagui-de-schneider - *Mico schneideri* Costa-Araújo et al., 2021

É uma espécie comum no Parque Zoobotânico, entre oito e dez indivíduos em grupo observado. Vocalizam bastante quando observados, com sons característicos (“fimm”) e baixos, e no percurso eles saltam entre galhos e caminham em cipós apoiando os quatro membros de locomoção (Figura 4d-e). É uma nova ocorrência para o Parque Zoobotânico.

Esta espécie foi descrita apenas em 2021, com ocorrência restrita ao estado de Mato Grosso, Centro-Oeste do Brasil, especificamente na região dos rios Juruena e Teles Pires; em 1920, o sagui-de-emília – *Mico emiliae* (Thomas, 1920) foi descoberto no Mato Grosso e no Pará, e por muito tempo, acreditou-se que todos os saguis da região pertenciam a essa espécie, já que suas pelagens são muito parecidas, mas, cem anos depois, a genética revelou que o sagui-de-schneider (*Mico schneideri*) e outros saguis pertencem a espécies distintas; no geral, outras espécies de saguis pesam entre 335-475 gramas, possuem comprimento médio cabeça-corpo de 21 cm e cauda 34 cm (Bernardo et al., 2025).

As características da cor da pelagem são – coroa preto-clara, cabeça branca, manto cinza, antebraços creme acinzentados, mãos preto-douradas, dorso chumbo uniforme, traseira chumbo uniforme, partes inferiores creme acinzentados claro e laranja, pés em tom laranja dourado e cauda preta (Costa-Araújo et al., 2021).

Como a espécie foi publicada muito recentemente, ainda carece de informações morfológicas, reprodutivas e ecológicas, considerada prioritária em estudos com essas abordagens. Segundo

Bernardo et al. (2025), o nome científico homenageia o pesquisador brasileiro Horácio Schneider (1948-2018), um dos primeiros a comparar DNA de primatas para montar a “árvore da vida”; a espécie está ameaçada de extinção na categoria “Em Perigo (EN)”.

Zogue-zogue-de-alta-floresta - *Plecturocebus grovesi* Boubli et al., 2019

São três indivíduos no Parque Zoobotânico, dois adultos e um jovem. Eles se comunicam com um grupo que fica em outro fragmento florestal, cerca de 300 metros de distância, geralmente na parte da manhã (Figura 5a-b). A vocalização é sempre correspondida, na forma de dueto. Em outros horários do dia, quando eles percebem que estão sendo observados, emitem sons semelhantes ao sagui-de-schneider (“fimm”) e baixos, e ficam alguns minutos no mesmo local.

O zogue-zogue não interage com as outras espécies de primatas do parque, como compartilhar o mesmo local de alimentação, mas já teve momento que os indivíduos estavam próximo do bugio-de-mãos-ruivas-de-spix, talvez devido o comportamento calmo das duas espécies. Quanto as plantas usadas na alimentação, foi observado apenas os frutos de inajá (*Attalea maripa* (Aubl.) Mart., Arecaceae).

São animais com peso médio de 955 gramas, cabeça-corpo com 30-34 cm de comprimento, cauda 41-51 cm de comprimento, não possuem cauda preênsil [cauda que funciona como uma mão para agarrar, segurar e ajudar na locomoção], possuem longevidade de 13 anos e as fêmeas têm gestação de cinco meses, com um filhote (Bernardo et al., 2025). Segundo os mesmos autores, ainda não há muitas informações sobre a espécie, que foi descrita apenas em 2019. A espécie está ameaçada na categoria “Em Perigo (EN)” de extinção (BRASIL, 2026).

A nova espécie apresenta uma combinação única de caracteres morfológicos: predomínio da coloração cinza com fios de múltiplas cores na coroa e nas partes dorsais; ventre totalmente marrom-avermelhado brilhante; cauda quase totalmente preta com a ponta clara; e coloração amarelo claro dos pelos nas bochechas contrastando com os pelos marrom-avermelhados brilhantes nas laterais da face (Boubli et al., 2019).

Cutia - *Dasyprocta azarae* Lichtenstein, 1823

É um animal muito comum no Parque Zoobotânico, constantemente avistado ao longo das trilhas e no interior da vegetação, mas não deixa chegar perto (Figura 5c). Mas para saber onde tem uma cutia é só escutar o barulho causado quando estão roendo o coco inajá (*Attalea maripa* (Aubl.) Mart., Arecaceae), espécie bem distribuída no parque. As vezes acompanham os macacos-prego na espera de alimento.



Figura 5. Espécies típicas da fauna amazônica no Parque Zoobotânico: a-b) *Plecturocebus grovesi*; c) *Dasyprocta azarae*; d-e) *Leopardus pardalis*. Fotos: J. M. Fernandes.

A espécie ocorre na Argentina, Paraguai e Brasil (Percequillo et al., 2024). No Brasil, está distribuída na Bahia (Nordeste), Rondônia (Norte), Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso (Centro-Oeste), Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo (Sudeste), Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina (Sul), nos domínios da Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal (Percequillo et al., 2024; Iack-Ximenes, 2026).

Não está ameaçada de extinção, classificada como Menos Preocupante (LC), devido a ocorrência em diversas Unidades de Conservação ao longo de sua distribuição, mas sofre impactos da pressão de caça e pode ser localmente ameaçada, embora não exista declínio populacional documentado que possa gerar risco de extinção em um futuro próximo (Percequillo et al., 2024; BRASIL, 2026).

São animais de corpo delgado, cauda muito rudimentar, membros longos e finos adaptados para a corrida, com cinco dedos nas mãos e três nos pés, providos de unhas fortes e curvas, a cabeça é alongada, as orelhas pequenas, os olhos grandes e os longos dentes incisivos, curvos e vermelhos, com pelagem cinza-amarelado, mais clara no ventre; vive de forma solitária e se alimenta de vegetais como frutos, sementes e raízes, e segura o alimento com as mãos e sentam para comer; possui uma gestação de três meses e procura lugar escuro e protegido para ter os filhotes, dois a quatro de cada vez (Magalhães, 1992).

Jaguaririca - *Leopardus pardalis* (Linnaeus, 1758)

Em maio de 2023, ocorreu um fato que chamou atenção no parque. Durante atividades de coleta botânica, uma jaguaririca adulta foi encontrada enroscada e morta em uma árvore de pequeno porte, devido a bifurcação muito fechada dos galhos (Figura 5d-e).

Como esses animais escalam árvores para caça, descanso e esconderijo, não foi possível esclarecer o motivo da subida, que acarretou a morte do indivíduo. No local, já foi observado cães domésticos caçando animais silvestres, que é uma realidade em áreas públicas e privadas. Agora, com a reforma da cerca de contenção no entorno, apenas parte do fundo da unidade permite a entrada de cães devido a presença de diversas Áreas de Preservação Permanente (APPs) privadas, formando um longo corredor ecológico com a presença de rio, mata ciliar e vegetação de várzea.

A região urbana do município de Alta Floresta foi projetada para ter várias áreas verdes conectadas, incluindo os parques, para favorecer a circulação de espécies da fauna de pequeno, médio e grande porte, como a jaguaririca, classificada com porte médio.

A espécie é nativa no Brasil e possui ampla área de distribuição na região neotropical, de vida livre individual, com ocorrência em todos os estados e no Distrito Federal do país, bem como em todos os domínios fitogeográficos (Oliveira et al., 2023; Eizirik, Nascimento & Tirelli, 2026).

Não está ameaçada de extinção (Menos Preocupante - LC) devido utilizar desde áreas bem conservadas até ambientes alterados, e tende a ser a espécie de felino mais abundante na maioria das áreas onde é encontrada, mas tem como principais ameaças a perda de habitat, a retaliação por predação de animais de criação e o atropelamento; no entanto, algumas subpopulações ao longo de sua distribuição estão ameaçadas, mas não há risco de extinção no futuro próximo para a população no Brasil (Oliveira et al., 2023; BRASIL, 2026).

A jaguatirica é um animal carnívoro e o comprimento do corpo varia entre 64 e 101,5 cm, a cauda pode medir até 35,4 cm e o peso varia de 7 a 16 kg, sendo os machos maiores do que as fêmeas; é um animal com a pelagem curta, coloração amarelada no dorso e manchas negras que formam rosetas abertas, unindo-se em bandas nas laterais do corpo; o ventre é mais esbranquiçado, com manchas ocasionais, mas os indivíduos podem variar na coloração e no padrão de manchas; a fêmea tem gestação entre 70 dias, nascendo até 2 filhotes; e uma expectativa de vida de 15 anos em cativeiro (FJZB, 2025b).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes mostra que a fauna amazônica pode ser bastante resiliente em área urbana, mantendo diversas espécies típicas do bioma, até mesmo ameaças de extinção. Talvez a principal explicação seja a presença de corredores ecológicos em Áreas de Preservação Permanente (APPs), que conectam parques e fragmentos florestais no centro e no entorno da cidade de Alta Floresta, Mato Grosso.

Observar as espécies da fauna no seu ambiente natural é um privilégio, e essa prática ainda pode ser contemplada no Parque Zoobotânico, no centro da cidade de Alta Floresta. A cidade cresceu, já tem 50 anos, mesmo assim várias espécies da fauna estão muito perto das pessoas.

Considerando algumas características da região de Alta Floresta, como o avanço da agropecuária, da extração de madeira, da mineração e do crescimento da área urbana, a Educação Ambiental torna-se essencial na educação formal e informal das pessoas jovens e adultas, por meio de ações públicas e privadas, possibilitando diversas abordagens sobre a fauna da região, como características biológicas e geográficas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aleixo, A. L. P., Ruiz, C. M., Lima, D. M., Lopes, E. V., Cerqueira, P. V., Dantas, S. M., & Oliveira, T.D. (2017). *Ara macao*. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio. Disponível em: <https://salve.icmbio.gov.br>. Acesso em 30/05/2026.

- Alves, S. L., Buss, G., Ravetta, A. L., Messias, M. R., & Carvalho, A. S. (2015). Avaliação do Risco de Extinção de *Sapajus apella* (Linnaeus, 1758) no Brasil. Processo de avaliação do risco de extinção da fauna brasileira. ICMBio. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/portal_antigo/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-deconservacao/7269-mamiferos-sapajus-apella-macaco-prego.html. Acesso em 02/06/2026.
- BDiA - Banco de Dados e Informações Ambientais (2023). *Vegetação* - © 2023 IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Versão 3.0.0. <https://bdiaweb.ibge.gov.br/#/consulta/vegetacao>. Acesso em 02/06/2026.
- Bernardo, C. S. S., Miguel, B. V., Ohyama, B. M., Nunes, A. L. D., Santos, F. F. M., Canale, G. R., Alencar, F. I., Viegas, L., & Ravetta, A. L. (2025). Primatas de Mato Grosso - inspiração para arte & proteção da Natureza. Sinop: Instituto Ecótono.
- Boubli, J. P., Byrne, H., Silva, M. N. F., Silva-Júnior, J., Araújo, R. C., Bertuol, F., Gonçalves, J., Melo, F. R., Rylands, A. B., Mittermeier, R. A., Silva, F. E., Nash, S. D., Canale, G., Alencar, R. M., Rossi, R. V., Carneiro, J., Sampaio, I., Farias, I. P., Schneider, H., & Hrbek, T. (2019). On a new species of titi monkey (Primates: *Plecturocebus* Byrne et al., 2016), from Alta Floresta, southern Amazon, Brazil. *Molecular Phylogenetics and Evolution*, 132, 117–137.
- BRASIL (1999). Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 - Institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília: Planalto.
- BRASIL (2024). Lei nº 14.926, de 17 de julho de 2024 – altera a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, para assegurar atenção às mudanças do clima, à proteção da biodiversidade e aos riscos e vulnerabilidades a desastres socioambientais no âmbito da Política Nacional de Educação Ambiental. Disponível em: <https://normas.leg.br/?urn=urn:lex:br:federal:lei:2024-07-17;14926>. Acesso em 08/06/2026.
- BRASIL (2026). Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima. Portaria MMA nº 1.704, de 16 de junho de 2026. Altera a Portaria MMA nº 444, de 17 de dezembro de 2014, que reconhece como espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção aquelas constantes da "Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção". Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 113, p. 89, 17 jun. 2026.
- Buss, G., Barnett, A. P. A., Canale, G. R., Pinto, L. P., Beltrão-Mendes, R., Rylands, A. B., & Ravetta, A. L. (2025). *Alouatta discolor*. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio. Disponível em: <https://salve.icmbio.gov.br>. Acesso em 16/05/2026.
- Costa-Araújo, R., Silva-Jr., J. S., Boubli, J. P., Rossi, R. V., Canale, G. R., Melo, F. R., Bertuol, F., Silva, F. E., Silva, D. A., Nash, S. D., Sampaio, I., Farias, I. P. & Hrbek, T. (2021). An

integrative analysis uncovers a new, pseudo-cryptic species of Amazonian marmoset (Primates: Callitrichidae: *Mico*) from the arc of deforestation. Scientific Reports, 11, 15665.

CRBio-01 – Conselho Regional de Biologia 1ª Região (2023). Conservação da fauna. Revista O Biólogo, 65, 5-35. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://crbio01.gov.br/arquivos/revista_o_biologo_65.pdf. Acesso 05/06/2026.

Eizirik, E., Nascimento, F. O., & Tirelli, F. (2026). Felidae in Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil. Disponível em: <<http://fauna.jbrj.gov.br/fauna/faunadobrasil/34033>>. Acesso em 30 mai. 2026.

FEC – Fundação Ecológica Cristalino (2019). Biodiversidade da Reserva do Floresta Amazônica Hotel Resort Fundação Ecológica Cristalino – Alta Floresta, MT. Alta Floresta: FEC. Cartilha.

Fernandes, J. M. (2023). Caracterização morfológica de *Xylopia benthamii* (Annonaceae) no Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes, Alta Floresta (MT): uma espécie medicinal. Enciclopédia Biosfera, 20, 43, 72-81.

Fernandes, J. M. (2025a). Estudo florístico-taxonômico do clado Mimosoide (Caesalpinioideae, Leguminosae) no Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes, Alta Floresta, Mato Grosso: subsídios à conservação. Revista Brasileira de Geografia Física, 18(4), 2502-2524.

Fernandes, J. M. (2025b). Frutos de *Muntingia calabura* e *Psidium guajava* na alimentação de macacos-prego no Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes, Alta Floresta – MT. In Zuffo, A. M., Aguilera, J. G., Oliveira, B. R. Inovações em pesquisas agrárias e ambientais - Volume VII. Nova Xavantina-MT: Pantanal Editora.

Fernandes, J. M., Soares, C. R. A., Koch, A. K., Duarte, T. G., & Almeida, A. A. S. D. (2025). New records of the mimosoide clade (Caesalpinioideae, Leguminosae) for the state of Mato Grosso, Brazil. Rodriguésia, 76, e00312024.

Fernandes, J. M., Soares, C. R. A., Almeida, A. A. S. D., & Oliveira, D. B. (2023). *Anadenanthera colubrina* var. *cebil* (Fabaceae): morfologia, uso na medicina popular e proibição em produtos tradicionais fitoterápicos no Brasil. SAJES – Revista da Saúde da AJES, 9, 46-55.

FJZB - Fundação Jardim Zoológico de Brasília (2025a). Aves. Disponível em: <https://www.zoo.df.gov.br/aves>. Acesso em 03/06/2026.

FJZB - Fundação Jardim Zoológico de Brasília (2025b). Mamíferos. Disponível em: <https://www.zoo.df.gov.br/aves>. Acesso em 03/06/2026.

Flora e Funga do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro (2026). <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso 7 Jan 2026.

- Gregorin, R., & Villavicencio, J. E. S. (2026a). Alouattinae in Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil. Disponível em: <<http://fauna.jbrj.gov.br/fauna/faunadobrasil/29845>>. Acesso em 30/05/2026.
- Gregorin, R., & Villavicencio, J. E. S. (2026b). Atelinae in Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil. Disponível em: <<http://fauna.jbrj.gov.br/fauna/faunadobrasil/63175>>. Acesso em 30/05/2026.
- Guimarães, M. (2007). Educação ambiental: participação para além dos muros da escola. In Mello, S. S., & Trajber, R. Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO.
- Iack-Ximenes, G. E. (2026). Dasypsectidae in Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil. Disponível em: <<http://fauna.jbrj.gov.br/fauna/faunadobrasil/50587>>. Acesso em 31/05/2026.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2025). Alta Floresta - Mato Grosso - Brasil. disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/pesquisa/24/76693>. Acesso em: 03/06/2026.
- Lees, A. C., Zimmer, K. J., Marantz, C. A., Whittaker, A., Davis, B. J. W. & Whitney, B. M. (2012). Check-list - Birds of Alta Floresta. Aves do Cristalino Lodge. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://cristalinolodge.files.svdcn.com/production/uploads/Main-Folder-2.0/PDF/Checklist_Cristalino_Lodge.pdf?dm=1689774479. Acesso em 31/05/2026.
- Magalhães, N. W. (1992). Conheça o Pantanal. São Paulo: Terragraph.
- Martins, A. B., Barnett, A., Oliveira, L. C., Rabelo, R. M., Ravetta, A. L., Carvalho, A. S., Calouro, A. M., Buss, G., Canale, G. R., Messias, M. R., Boubli, J. P., Lima, M. G. M. (2025). *Sapajus apella*. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio. Disponível em: <https://salve.icmbio.gov.br>. Acesso em 02/06/2026.
- Medici, E. P., Keuroghlian, A., Antunes, A., Gatti, A., Beisiegel, B., Campos, C. B., Pinho, G. M., Costa, H. C. M., Cordeiro, J. L. P., Flesher, K. M., Jorge, M. L. S. P., Landis, M., Cozzuol, M. A., Galiez, M., & Galetti, M. (2019). *Tapirus terrestris*. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio. Relatório. Disponível em: <https://salve.icmbio.gov.br>. Acesso em 31/05/2026.
- Medici, E. P., Keuroghlian, A., Antunes, A., Gatti, A., Beisiegel, B., Campos, C. B., Pinho, G. M., Costa, H. C. M., Cordeiro, J. L. P., Flesher, K. M., Jorge, M. L. S. P., Landis, M., Cozzuol, M.A., Galiez, M., & Galetti, M. (2018). *Tapirus terrestris*. Instituto Chico Mendes de

Conservação da Biodiversidade - ICMBio. Disponível em: <https://salve.icmbio.gov.br>. Acesso em: 05/06/2026.

Oliveira, M. L. (2026). Tapiriidae in Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil. Disponível em: <http://fauna.jbrj.gov.br/fauna/faunadobrasil/58471>>. Acesso em 31/05/2026.

Oliveira, T. G., Saranholi, B. H., Dias, D. M., Azevedo, F. C., Abra, F. D., Lemos, F. G., Tirelli, F. P. (2023). *Leopardus pardalis*. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio. Disponível em: <https://salve.icmbio.gov.br>. Acesso em 28/05/2026.

Pacheco J. F., Silveira, L. F., Aleixo, A. L. P., Agne, C. E. Q., Bencke, G. A., Bravo, G., Brito, G. R. R., Cohn-Haft, M., Maurício, G. N., Naka, L. N., Olmos, F., Posso, S., Lees, A., Figueiredo, L. F., Carrano, E., Guedes, R. C., Césari, E., Franz, I., Schunck, F., & Piacentini, V. Q. (2026a). Bucconinae in Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil. Disponível em: <http://fauna.jbrj.gov.br/fauna/faunadobrasil/226443>>. Acesso em 30/05/2026.

Pacheco, J. F., Silveira, L. F., Aleixo, A. L. P., Agne, C. E. Q., Bencke, G. A., Bravo, G., Brito, G. R. R., Cohn-Haft, M., Maurício, G. N., Naka, L. N., Olmos, F., Posso, S., Lees, A., Figueiredo, L. F., Carrano, E., Guedes, R. C., Césari, E., Franz, I., Schunck, F., & Piacentini, V. Q. (2026b). Arinae in Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil. Disponível em: <http://fauna.jbrj.gov.br/fauna/faunadobrasil/229986>>. Acesso em 31/05/2026.

Percequillo, A. R., Bonvicino, C. R., Ximenes, G. I., Bezerra, A. M. R., Rodrigues, A. C. L., Delciellos, A. C., Carmignotto, A. P., Silva, C. R., De Abreu, Jr, E. F., Giúdice, G. M. L. D., Cherem, J. J., Silva, J. A. F., Oliveira, J. A., Pessôa, L. M., Weksler, M., Alvarez, M. R. D. V., Teta, P. V., Vilela, R. V. (2024). *Dasyprocta azarae*. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio. Disponível em: <https://salve.icmbio.gov.br>. Acesso em 02/06/2026.

Pinto, L. P., Ravetta, A. L., Buss, G., Rylands, A. B., & Veiga, L. M. (2015). Avaliação do Risco de Extinção de *Alouatta discolor* (Spix, 1823) no Brasil. Processo de avaliação do risco de extinção da fauna brasileira. ICMBio. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/lista-de-especies/7178-mamiferos-alouatta-discolor-guariba-de-maos-ruivas.html>. Acesso em 16/05/2026.

Rabelo, R. M., Cavalcante, T., Calouro, A. M., Ravetta, A. L., Messias, M., Barnett, A. P. A., Alves, S. L., Paim, F. P., Rylands, A. B., & Canale, G. R. (2025). *Ateles chamek*. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio. Disponível em: <https://salve.icmbio.gov.br>. Acesso em 30/05/2026.

- Sigrist, T. (2015). Chora-chuva-preto (*Monasa nigrifrons*). Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/fauna/noticia/2015/01/chora-chuva-preto.html>. Acesso em 02/06/2026.
- Sorrentino, M., & Trajber, R. (2007). Políticas de Educação Ambiental do Órgão Gestor. In Mello, S. S., & Trajber, R. Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO.
- Tavares, A., Abrahão, C. R., Carvalho, D., Ferrão, M., Silveira, A. L., Medeiros, A. M., Regolin, A. L., Ferrara, C. R., Grou, C. E. V., Cunha, F. A. G., Maffei, F., Moura, G. J. B., Friol, N. R., Andrade, P. C. M., Valadão, R. M., Silva, R. V. L. E., Rocha, S. B., Famelli, S., Morcatty, T. Q., Portelinha, T. C. G., Marques, T. S., & Brito, E. S. (2025). *Chelonoidis denticulatus*. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio. Disponível em: <https://salve.icmbio.gov.br>. Acesso em 28/05/2026.
- Zaher, H., Molina, F. B., Thomson, S. A., Toledo, D. G. P., & Morato, S. A. A. (2026). Testudinidae in Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil. Disponível em: <http://fauna.jbrj.gov.br/fauna/faunadobrasil/52567>>. Acesso em 30/05/2026.
- Ziegler, M. F. (2019). Riqueza de espécies de peixes na bacia amazônica segue padrão inesperado. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/riqueza-de-especies-de-peixes-na-bacia-amazonica-segue-padrao-inesperado/31621>. Acesso em 08/06/2026.
- WWF-Brasil. Amazônia. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/nossosconteudos/biomas/amazonia/>. Acesso: 05/06/2026.

Índice remissivo

A

Amazônia, 90
árvore, 3, 5, 6, 13, 31, 44, 51, 68, 70

B

bem-estar, 3, 6, 9, 34, 45, 61, 86
bugio-de-mãos-ruivas-de-spix, 8, 37, 68

C

cipós, 3, 4, 7, 10, 12, 34, 35, 36, 37, 40, 41,
42, 43, 44, 45, 46, 48, 50, 51, 53, 57, 65,
67, 78

D

drone, 27, 28, 29, 30, 32, 40

E

Euterpe oleracea, 4, 13, 20, 51, 57, 77, 78,
79, 80, 81, 83, 84, 87
extensão, 3, 6, 10, 12, 18, 19, 22, 23, 25, 26,
29, 33, 36, 46, 50, 57, 62, 58, 65, 78, 86,
90, 91
extinção, 8, 9, 37, 48, 59, 61, 62, 63, 65, 67,
68, 70, 71, 72, 75, 78

I

inajá, 8, 43, 63, 65, 68

ingá, 14, 18

P

Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares
Fernandes, 0, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13,
23, 24, 25, 26, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 37,
41, 46, 47, 49, 51, 54, 55, 56, 62, 63, 56,
57, 58, 71, 73, 77, 78, 79, 80, 87, 90
práticas terapêuticas, 9
primatas, 3, 5, 9, 18, 24, 64, 59, 67, 68, 78,
82, 86, 88

R

restauração ecológica, 0, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10,
11, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24,
25, 35, 45, 48, 49, 50, 60, 62, 63, 58, 62,
78, 79, 90, 91

S

sagui-de-schneider, 8, 37, 67, 68

T

trilha, 5, 34, 37

Z

zogue-zogue-de-alta-floresta, 8, 37, 78

Sobre os integrantes do projeto



José Martins Fernandes

Graduado em Ciências Biológicas (UNEMAT). Especialista em Plantas Medicinais: manejo, uso e manipulação (UFLA). Mestre, Doutor e Pós-doutor em Botânica (UFV). Docente na Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado, Câmpus de Alta Floresta (UNEMAT). Coordenador do Horto Medicinal de Alta Floresta e pesquisador associado ao Herbário da Amazônia Meridional (HERBAM). **Coordenador do projeto** de extensão “Parque Zoobotânico Leopoldo Linhares Fernandes, Alta Floresta - MT: restauração ecológica e construção de trilhas para a comunidade. Atua nas áreas de Morfologia e Sistemática Vegetal, Etnobotânica, Plantas Medicinais, Restauração Ecológica e Educação Ambiental.



Gercilene Meira Leite

Graduação em Bacharelado em Engenharia Florestal pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2007), bacharelado em Direito pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2022) e Mestrado Profissional em Gestão e Regulação de Recursos Hídricos (PROFÁGUA) pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2025). Atualmente é Secretária Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Município de Alta Floresta -MT. Tem experiência na área de Gestão Ambiental Pública, Recuperação de Áreas Alteradas, Silvicultura Urbana e Direito Ambiental, atuando principalmente nos seguintes temas: sustentabilidade na Amazônia Legal, conservação do meio ambiente, licenciamento ambiental e recursos hídricos.



Isane Vera Karsburg

Graduada em Ciências Biológicas (UFSM) Doutora em Genética e Melhoramento (UFV). Docente na Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado, Câmpus de Alta Floresta (UNEMAT). Coordenadora do Orquidário Altaflorestense. Orienta no Programa de Pós Graduação Genética e Melhoramento de Plantas (PGMP) – Mestrado e Programa de Pós Graduação Biotecnologia e Biodiversidade - Rede Pró-Centro-Oeste – (PPGBBMT) - Doutorado Acadêmico em Rede. Atua nas áreas de Citogenética, Mutagênese, Cultura de Tecidos Vegetais e Educação Ambiental.



  **Edgley Pereira da Silva**

Possui graduação em Agronomia pela Universidade Federal da Paraíba (1999), mestrado em Engenharia Agrícola (Irrigação e Drenagem-Linha de Pesquisa Sensoriamento Remoto) pela Universidade de Federal de Campina Grande (2002) e doutorado em Solos e Nutrição de Plantas (Linha de Pesquisa em Geoprocessamento) pela Universidade Federal de Viçosa (2006). Atualmente é professor efetivo na Universidade do Estado de Mato Grosso-Unemat/Campus Universitário de Alta Floresta, Coordenador do Laboratório de pesquisa e extensão GeoPaisagem. Atua em agrometeorologia, Geoprocessamento, Agricultura de precisão e digital e Leitura de ambiente.



  **José Alesandro Rodrigues**

Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), especialista em Educação Ambiental (UNEMAT) e mestre em Biodiversidade e Agroecossistemas Amazônicos (UNEMAT). Atualmente, exerce o cargo de Diretor de Desenvolvimento Sustentável na Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Alta Floresta. Atua nas áreas de restauração ecológica, pesquisa científica, avaliação de impactos ambientais e educação ambiental, com destaque para ações e

o fortalecimento de iniciativas voltadas à conservação e à sustentabilidade. Entre elas, o Programa de Gestão de Nascentes Urbanas – Programa Adote uma Nascente, voltado à proteção e recuperação de recursos hídricos, e o Programa de Conservação da Fauna Silvestre – Alta Floresta Não Atropela, que desenvolve ações de sensibilização, monitoramento e mitigação dos impactos da malha viária sobre a fauna silvestre local.



  **Grazielle Cieslinski Gonçalves**

Possui graduação em Ciências Biológicas (IFMT). Mestre em Biodiversidade e Agroecossistemas Amazônicos pelo programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* (UNEMAT). Atualmente, é Doutoranda em Biotecnologia e Biodiversidade - Rede Pró Centro-Oeste (UNEMAT). Tem experiência na área de Biologia Geral, com ênfase no levantamento de fauna e caracterização da fitofisionomia no Bioma Cerrado e Pantanal. Além disso, apresenta experiência na área de Agroecossistemas, com atividades relacionadas ao manejo do solo e culturas agrícolas, controle alternativo, uso de microrganismos endofíticos, análises físicas, químicas e bioquímicas do solo e tecidos

vegetais. No momento atual, é Bióloga lotada na Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Alta Floresta-MT.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83; Sala B, Centro. CEP: 78690-000

Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil

Telefone (66) 9608-6133 (Whatsapp)

<https://www.editorapantanal.com.br>

contato@editorapantanal.com.br



9786585756853

